

Lixo ou resíduo: explorando termos e conceitos

Garbage or waste: exploring terms and concepts

Sueny Carla da Silva¹

Janaina Barbosa da Silva²

Viviane Farias Silva³

RESUMO: Esse artigo discorre sobre a complexidade envolvida no conceito de lixo no Brasil. Nessa perspectiva, a pesquisa tem como objetivo dialogar com as estruturas de pensamento do lixo, ao referenciar as abordagens dos seus sinônimos e como sua aplicação se reproduz no contexto social. A pesquisa foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica, tendo caráter qualitativo, descritivo e explicativo. Os resultados do estudo mostram a necessidade de reinventar o conceito de lixo, atribuindo uma essência substantiva dotado de valor, ao invés de repensar o uso de outros termos para transmitir essa conotação. Assim, fica evidente que, quando se trata de políticas educacionais, o termo adequado a ser utilizado é lixo, portanto, a ciência deve deixar entendível o uso das semânticas com o intuito de contribuir com um diálogo coerente com a sociedade. O modo como está sendo pensado mais atrapalha do que propõem resultados efetivos.

PALAVRAS-CHAVE: Conceito. Lixo. Resíduo. Semântica.

ABSTRACT : This article discusses the complexity involved in the concept of waste in Brazil. From this perspective, the study aims to engage with the thought structures surrounding waste by referencing its synonyms and how their application manifest in the social context. The research was conducted through qualitative, descriptive, and explanatory bibliographic research. The study's findings demonstrate the need to reinvent the concept of waste attributing a substantive essence of value to it, rather than reconsidering the use of other terms to convey this connotation. Thus, it becomes evident that when it comes to educational policies, the appropriate term to be used is waste and therefore, science must make the use of semantics understandable in order to contribute to coherent dialogue with society. The way it is currently being conceived hinders more than it proposes effective results.

KEYWORDS: Concept. Waste. Residue. Semantic.

¹ Doutoranda em Gestão e Recursos Naturais pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.
E-mail: suenysilvac@gmail.com

² Professora doutora da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.
E-mail: Janaina.barbosa@professor.ufcg.edu.br

³ Professora doutora da Universidade Federal de Campina Grande –UFCG.
E-mail: flordeformosur@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O termo lixo representa uma estrutura complexa que passou por contínuas transformações ao longo da história. Na era moderna, sua composição é diversificada e possui um desafiador equilíbrio na cadeia de vida do planeta Terra. Esse problema se manifesta de forma séria no aspecto social, ecológico, político e econômico, especialmente nas áreas urbanas e nas grandes cidades, devido ao seu volume expressivo e às composições dos produtos descartados.

Na atual estrutura civilizatória, o lixo possui uma conotação negativa, enquanto a palavra resíduo é separada dessa perspectiva pejorativa, atribuindo-se um valor econômico, ambiental e político. Esse modo de pensar acaba por confundir as pessoas, uma vez que os termos são usados indiscriminadamente tanto no contexto técnico quanto no popular. Essa falta de clareza gera obstáculos para o diálogo com a sociedade sobre a gestão dos resíduos sólidos, dificultando a compreensão do tema.

É importante ressaltar que, em momentos anteriores da história, o lixo não era encarado como algo ruim, e a palavra resíduo era considerada sinônimo. Essa divergência conceitual evidencia a complexidade subjacente na compreensão do assunto, uma vez que existe uma discordância conceitual que contribui para criar obstáculos. No entanto, é válido ressaltar que a existência de estratos sociais em que o lixo é percebido como algo útil, capaz de sustentar famílias, ilustra a necessidade de mudar as perspectivas em relação ao lixo, buscando uma compreensão e abordagem mais ampla sobre a gestão dos resíduos sólidos.

Conforme argumentado por Almeida (2018) para que conceitos tenham alguma relevância científica e, conseqüentemente, possam servir como meios para que aspectos importantes da realidade concreta possam ser desvendados, é necessário que sejam tratados com o devido rigor. Nesse sentido, a ciência desempenha um papel fundamental na transformação da concepção do lixo, posicionando-o como um elemento de riqueza e vida, sem a necessidade de adotar novos termos. Afinal, não existe o ato de “jogar fora” e com isso o lixo não deve ser pensado como um adjetivo dotado de expressões repulsivas.

Nessa conjuntura, o objetivo da pesquisa foi abordar a complexidade inerente do conceito de lixo, com o intuito de apresentar a importância dessa discussão para se compreender o quanto o seu sentido e a forma de pensar são importantes para a realização dos programas

voltados à gestão dos resíduos sólidos urbanos, em especial, os de coleta seletiva, que demandam um trabalho educacional exímio.

Além disso, a dimensão desse tema ressalta a importância da linguagem e da comunicação na maneira como a população percebe e valoriza os materiais descartados. Ao explorar os significados associados ao lixo e aos resíduos, é possível incentivar os cidadãos a questionar e desafiar os estereótipos existentes, desencadeando uma transformação na percepção coletiva. Também é importante destacar a relevância das abordagens científicas para esclarecer e promover um diálogo significativo com a sociedade, fornecendo assim uma compreensão clara sobre o assunto e contribuindo para uma conscientização sobre os resíduos sólidos.

Em suma, a economia das trocas semânticas entre lixo e resíduos se propõe a transformar a percepção convencional desses materiais indesejados em algo de valor e utilidade. Ao explorar os significados e as potenciais oportunidades que residem nesses materiais, pode-se promover uma economia ambientalmente sustentável, circular e consciente.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva por meio de uma revisão de literatura. A coleta de dados foi realizada utilizando a plataforma Web of Science, inserindo palavras-chaves selecionadas, como percepção lixo e conceitos lixo e resíduos, além de recorrer ao banco de dados de Teses e Dissertações. Adicionalmente, foram consultados documentos e livros com abordagens relacionados ao tema, que permitiu obter uma gama de materiais relevantes para a revisão.

Os dados coletados foram analisados qualitativamente, ao buscar identificar padrões e tendências na percepção da população sobre lixo e resíduos, assim como na forma como esses conceitos são abordados nas estruturas pesquisadas. Essa análise envolveu a leitura e interpretação dos artigos selecionados, bem como a identificação de informações importantes.

Os resultados obtidos foram discutidos e interpretados à luz da literatura existente e de teorias relacionadas ao tema. Nesse processo, foram apresentadas lacunas no conhecimento e sugeridas mudanças ou aprofundamento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O significado atribuído ao termo lixo na maioria dos estudos científicos refere-se a algo considerado sem utilidade, um produto descartado ou algo sem valor, sendo a palavra resíduo utilizada para destacar sua perspectiva positiva. De acordo com Waldman (2010), a discussão em torno do lixo está associada a uma ampla gama de conceitos, o que possibilita múltiplas interpretações. Guiado por essa premissa, surge um questionamento: essa pluralidade de informações sobre o significado de lixo gera uma complexidade que acaba por confundir e dificultar a elaboração e execução de projetos, pesquisas e políticas públicas, especialmente no contexto de campanhas educativas?

A palavra lixo tem origem no latim *lix* que significa cinza, lixívia ou resto. Também é possível traçar sua origem até o verbo *lixare*, do latim, que indicava o ato de polir ou desbastar. (CORNIERI; FRACALANZA, 2010; NAIME, 2010). Na língua portuguesa, o termo ganhou a conotação de sujeira. Segundo Waldman (2010) a origem do termo está associada a algo que deve ser retirado do convívio social e que não faz falta a ninguém.

O lixo é definido no dicionário Michaelis (2020) como:

Resíduos provenientes de atividades domésticas, industriais, comerciais etc. que não prestam e são jogados fora, bagaço; Recipiente onde esses resíduos são colocados; Qualquer coisa sem valor ou utilidade; Pessoa sem qualidades morais ou físicas; A camada mais baixa e excluída da sociedade, escória, ralé.

De acordo com Assunção (2021, p.79) o conceito de lixo é descrito como “tudo aquilo que não se sabe aproveitar”. Já Velloso (2008. p. 1954,2008) descreve o lixo como um:

Resíduo desprezado e temido pelo homem. Ele representa o resto da atividade humana ou a sobra indesejada de um processo de produção, que tanto pode estar associada à eliminação de microrganismos patogênicos veiculados pelos fluidos e dejetos corporais como ao descarte de resíduos atômicos, radioativos e industriais poluentes.

Esses conceitos abordam o lixo como um adjetivo, associado de obstáculos e ameaças, despertando o desejo de se livrar dele e até mesmo atribuindo-lhe uma dimensão moral. O termo em si remete à ideia de rejeição em sua essência, sugerindo que deve ser afastado da vida das pessoas. Com isso, é importante considerar uma abordagem diferente ao examinar essa questão.

Para um conhecimento mais abrangente, é necessário considerar o lixo como um substantivo, transcendendo sua percepção meramente utilitária e explorando seu potencial como fonte de valor e troca. Onde pode ser compreendido como um processo de transformação e recuperação, no qual os materiais descartados adquirem novos significados e utilidades, ao

percorrer as oportunidades de reutilização, reciclagem e recuperação de recursos presentes no lixo.

Nesse sentido, é importante observar que nos conceitos dos autores mencionados, o termo resíduo é utilizado como sinônimo de lixo, sugerindo uma relação direta entre ambos. Essa abordagem permite repensar a própria definição de lixo, redefinindo-o como um substantivo que engloba não apenas a sua dimensão negativa, mas também o seu potencial de valorização.

Para Waldman (2010), a dimensão do conceito de lixo torna-se complexa quando se busca evitar o uso desse termo, que no mundo ocidental está impregnado de uma carga simbólica de valores pejorativos. Essa situação acaba por advogar o uso de outra terminologia.

Na década de 1960, do século XX, os sanitaristas passaram a usar uma nova denominação para substituir a palavra lixo, que foi designada como resíduo (EINGENHEER, 2003; PEREIRA; CURI, 2013). O termo é originário do latim *residuum*, que significa aquilo que sobra, resto de qualquer substância. (MORETE; PROCOPIO, 2011). Assim, é considerado um sinônimo para o conceito de lixo.

O estímulo para a adoção dessa terminologia foi justificado, como apontado por Carmo (2009), devido à sua dimensão mercadológica, que carrega consigo valores econômicos, políticos e ambientais em seu sentido. Essa abordagem acabou sendo fortalecida por uma equipe multidisciplinar composta por profissionais de diferentes áreas, como saúde, política e empresarial.

O alvo deste debate é requalificar o que a civilização moderna tem rotulado como materiais inúteis [...] A palavra resíduo ganha prestígio, pois no mínimo ameniza adjetivações de cunho negativo. Portanto, seria mais adaptada a contextos como os das codificações jurídicas e do universo tecno-operacional, ambos tendendo a optar por expressões menos sujeitas a criar constrangimentos (WALDMAN, 2010, p.27).

O cerne dessa discussão reside na incompatibilidade abjeta da mudança terminológica ao buscar dialogar com o cotidiano das pessoas, especialmente ao criar um conceito que desvincula o resíduo do termo lixo. Conforme destacado por Cinquentti (2004, p.12) “enquanto os resíduos são as sobras das atividades humanas passíveis de reciclagem, o lixo é o que remanesce dessas atividades e é jogado fora. Ao primeiro associamos valores sociais, econômicos e ambientais, ao passo que no segundo nenhum desses valores potenciais é mantido”.

No âmbito técnico-operacional, a terminologia adotada será a de resíduo, que tem como objetivo abranger materiais que possam ser reutilizados ou reciclados, conferindo-lhes um valor potencial. Por outro lado, o rejeito passa a ser empregado para materiais que não possuam

viabilidade de aproveitamento. Essa distinção é estabelecida pela Lei 12.305 de 2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, e define:

Resíduos sólidos, material substância, objeto ou bem descartado resultante de atividades humanas em sociedade, a cuja destinação final se procede, se propõe proceder ou se está obrigado a proceder, nos estados sólidos ou semissólidos, bem como gases contidos em recipientes e líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou em corpos d'água, ou exijam para isso soluções técnica ou economicamente inviáveis em face da melhor tecnologia disponível.

Rejeitos, resíduos sólidos que, depois de esgotadas todas as possibilidades de tratamento e recuperação por processos tecnológicos disponíveis e economicamente viáveis, não apresentem outra possibilidade que não a disposição final ambientalmente adequada (BRASIL, 2010).

A mesma concepção de resíduo é abordada na resolução 5/93 do Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA) e na Norma Brasileira - NBR n. 10.004/1987, da Associação Brasileira de Normas Técnicas — ABNT que dispõem sobre a classificação dos resíduos sólidos. No entanto, na Lei n.º 11.445/2007, que estabelece as diretrizes nacionais para o saneamento básico, no seu texto utiliza-se a palavra lixo em vez de resíduo. Conforme descrito em seu art.6 “o lixo originário de atividades comerciais, industriais e de serviços cuja responsabilidade pelo manejo não seja atribuída ao gerador pode, por decisão do poder público, ser considerado resíduo sólido urbano” (BRASIL, 2007).

Essas afirmações corroboram o argumento de Waldman (2010) sobre a existência de divergências terminológicas em diferentes contextos, ao notar que em alguns documentos jurídicos o termo resíduo é utilizado como sinônimo de lixo, enquanto em outros é considerado um elemento distinto.

No campo científico, também é identificada essa falta de clareza conceitual. Em estudos realizados por diversos pesquisadores, como Monteiro (2017); Braga (2018); Lima et al (2018); Lourenço (2018). Enquanto a maioria desses pesquisadores adota uma abordagem baseada na perspectiva da Política Nacional de Resíduos Sólidos, que busca estabelecer distinções claras entre os significados das palavras, Braga (2018) apresenta a abordagem de resíduo como sinônimo de lixo.

A classificação genética do lixo é um tema controverso que levanta uma ampla variedade de objeções, desde aspectos relacionados à normatização técnica até questões de natureza filosófica (SILVEIRA; MORAES, 2007). Embora os especialistas possam ter um entendimento claro das diferenças das terminologias mencionadas, na prática essa linguagem não se comunica com a população e gera uma grande complexidade na realização de projetos

educativos. Afinal, a palavra lixo é a que está presente no cotidiano das pessoas e possui uma conotação popular.

Essas divergências que se entrecruzam, resultam em desajustes e conflitos conceituais que comprometem metodologicamente o andamento de pesquisas na área e na própria gestão dos resíduos sólidos (DIAGNINO, 2004). Na análise da cartilha educativa “Lixo quem se lixa? O bé-á-bá da Política Nacional de Resíduos Sólidos, elaborada pelo Ministério Público de Pernambuco em 2012, fica evidente a problemática inerente à essas abordagens e como isso prejudica o acesso ao esclarecimento.

No primeiro trecho da cartilha, percebe-se o uso da palavra lixo com conotação de algo “imprestável e destrutível” (PERNAMBUCO, 2012, p. 8). No quadrinho educativo subsequente, a palavra lixo é usada como sinônimo de resíduos sólidos, com o objetivo de transmitir o conteúdo de forma mais acessível e com uma conotação positiva (*Figura 1*). No próximo ponto da cartilha, ao explicar a Política Nacional de Resíduos Sólidos, lixo e resíduos sólidos são apresentados com significados distintos.

Figura 1.: Trecho extraído da cartilha Lixo quem se lixa? O bé-a-bá da Política Nacional de Resíduos Sólidos



Fonte.: PERNAMBUCO, 2012.

O material educativo gera uma confusão conceitual. É perceptível que, a fim de promover uma comunicação mais eficiente na divulgação de informações e transmitir uma mensagem que estimule a reflexão na sociedade, a palavra lixo é utilizada como substantivo, carregado de valor de uso e troca. No entanto, ao abordar as normas técnicas, a palavra resíduos

sólido é empregada de maneira descontextualizada em relação ao termo lixo e não como sinônimo.

Um exemplo que ilustra o aspecto significativo do uso apropriado da terminologia é a propaganda educativa, Praia Limpa⁴ (figura 2), veiculada na cidade do Recife. Seu objetivo é sensibilizar os banhistas a não descartarem o lixo na praia. Nessa campanha, destaca-se bem como o uso da terminologia correta traz um efeito apelativo e promove uma melhor comunicação. Em nenhum momento da campanha, a palavra lixo é empregada negativamente. No jingle, “Vamos manter a praia limpa, jogando o lixo no saquinho”, substituir lixo por resíduo não transmitirá a mensagem de maneira mais adequada, não alcançaria o público-alvo e certamente prejudicaria a estrutura poética do jingle. Alcançar os objetivos positivos de uma campanha requer considerar a compreensão do público-alvo sobre o assunto abordado.

O entendimento dos cidadãos acerca do lixo desempenha um papel crucial na apreensão da complexidade das expressões relacionadas a esse tema. Na pesquisa conduzida por Mucellin e Bellin (2008) investigou a percepção ambiental de diferentes atores sociais em relação ao lixo, por meio de entrevistas com moradores da cidade de Medianeira, localizada na região Oeste do Paraná, Brasil. Essa pesquisa revelou uma variedade de perspectivas e entendimentos acerca do lixo, destacando-se diferentes visões e experiências individuais em relação ao lixo.

O lixo era percebido pela maioria como algo que não tinha mais utilidade, uma sobra de material descartável, aquilo que as pessoas desejavam jogar fora, geralmente, vinculado à sujeira, imundície, sujeira e ao mau cheiro. Não obstante, o lixo também foi percebido e considerado como um conjunto de materiais com valor econômico agregado. Observamos que, ao pronunciar a palavra lixo, a maior parte dos atores deixava transparecer, pela expressão do rosto, sentimento de repúdio, reprovação e, geralmente, vinculava-o a coisas ruins. Portanto, o lixo era percebido como um signo ruim. Uma dona de casa de bairro mencionou: “Lixo é um desrespeito à natureza!” (MUCELIN; BELLINI, p.117, 2008).

Além disso, na pesquisa realizada na cidade de São Sebastião de Lagoa de Roça, Paraíba, com o propósito de avaliar o reconhecimento da população entrevistada sobre o conceito de lixo, os participantes foram solicitados a fornecer exemplos do que eles consideravam como lixo. Os resultados obtidos indicaram:

49% dos entrevistados responderam como resposta como sendo algo “que não serve mais e que se joga fora,” nestas respostas não há nenhuma evidência de noção de reaproveitamento e reciclagem dos resíduos. E para 13% teve como “lixo” apenas restos de alimentos 11% citaram o plástico, 9% garrafa PET, 5% papel, 5% móveis e embalagens. E 8% afirmou não saber exemplificar o que seria lixo (QUERINO; PEREIRA, p. 410, 2016).

⁴ A propaganda é realizada por uma empresa de televisão local com apoio da prefeitura da cidade. O projeto não se resume apenas a publicidade, também é realizada a distribuição de sacolas para os banhistas descartarem o lixo e um trabalho educativo com os barraqueiros da orla. É importante destacar que o projeto funciona há mais de vinte e quatro anos.

Essas respostas demonstram que, para os entrevistados, o lixo é percebido como um amontoado de materiais repugnantes e indesejados, reforçando a crença na inutilidade do que está sendo descartado. É evidente que muitos cidadãos têm dificuldade em distinguir que uma variedade de materiais pode ser reaproveitada e reciclada. Ademais, é importante destacar que para uma parcela da população de baixa renda o lixo é considerado algo de grande valor, uma vez que está diretamente associado à sua subsistência.

No estudo realizado por Rego *et al* (2002, p. 1585-1586) com mulheres na periferia da cidade de Salvador, sobre o que é lixo afinal?

A definição mais usada pelas mulheres foi de que “lixo é tudo aquilo que não serve para ser utilizado”. Alguns produtos classificados como lixo eram também considerados aproveitáveis ou recicláveis pelas entrevistadas. Notou-se uma distinção de conceitos entre o que é considerado “velho” e o que é lixo, ou “o que não presta”. Assim, aquilo que é velho, mas que pode ser útil, não é classificado como lixo, como por exemplo o mobiliário. Segundo as mulheres, o lixo é o que não serve para ser utilizado e, portanto, aquilo que não pode constituir-se num produto de uso, venda ou troca. Elas demonstram uma escala de valorização dos produtos, considerando que aquilo que é lixo para algumas pessoas pode ser considerado de grande utilidade para outras. Vários produtos foram considerados lixo: restos de alimentos, cascas de frutas e verduras, papel usado, sujeira da varrição da casa, roupas velhas, papel higiênico usado, papelão, fezes humanas e de animais, mato, podas de árvores, latas e vidros usados, pilhas de rádio descarregadas, pneus de borracha estragados, plásticos usados, eletrodomésticos velhos, painéis de alumínio velhos, ferro velho, restos de construções. Dentre estes, os únicos considerados, por todas as entrevistadas, como não reaproveitáveis ou recicláveis foram: sujeira de varrição, mato, fezes humanas e de animais, papel higiênico usado e pilhas de rádio descarregadas.

Nessa perspectiva, é possível identificar a ambiguidade da interpretação do conceito de lixo pela população, que abrange tanto uma conotação positiva quanto negativa. De acordo com Assad (2016, p.22) “a noção de lixo depende do que o gerador do lixo considera inútil, indesejável ou descartável.” No contexto de algumas mulheres que foram entrevistadas, o lixo não é caracterizado como um adjetivo, especialmente quando mencionam a expressão “serve para ser utilizado” e que “constitui-se em um produto de uso, venda ou troca”. Diversos exemplos mencionados pelas entrevistadas referem-se a materiais que podem ser reaproveitados e reciclados. Além disso, a percepção sobre o lixo também está associada a salubridade e sanitização, como evidenciado no caso dos excrementos humanos.

Um caso análogo, que também ilustra a percepção ambiental em relação aos resíduos sólidos domiciliares pode ser observado na pesquisa de Crispim (2019) realizada no sudoeste do Amazonas na cidade de Humaíta. A autora aborda a resposta da população quando questionada sobre o entendimento do que seria o lixo.

Conforme Crispim (2019, p. 81) a resposta ao “O que você entende quando falamos em lixo?”⁵

95% dos entrevistados entendiam o conceito de lixo como algo que precisa ser descartado. [...] Vejamos algumas respostas: “Tudo aquilo que já não tem utilidade e é jogado fora”, “Coisas sem valor, que se joga fora” “Lixo é aquilo que de alguma maneira preciso descartar, e não há como ser reaproveitado” “É uma coisa que não tem serventia” “É o que sobra do consumo”.

As pesquisas discutidas revelam que o entendimento do lixo é influenciado pela forma como as pessoas o integram em suas vidas. Para alguns indivíduos, representa uma fonte de sustento para suas famílias, enquanto para outros é associado a sentimentos de repulsa e aversão. O que corroboram as afirmações de Strasser (2000), que destaca que pessoas de diferentes categorias sociais, faixa etária, gênero e classes econômicas classificam o lixo de maneiras distintas, em parte devido às habilidades adquiridas ao longo de suas experiências de vida. Dessa forma, o conceito de lixo é influenciado por múltiplas dimensões, incluindo aspectos culturais, históricos, econômicos, entre outros.

Ao utilizar a ideia de lixo com a semântica negativa, a população tende a se confundir e não se reconhecer como geradora de resíduos nem como responsável pelo seu destino adequado, atribuindo ao Poder Público, a solução de todos os problemas relacionados. A reflexão sobre a rotulação do lixo faz com que os cidadãos frequentemente associem os resíduos à última etapa do processo, ou seja, a coleta (SILVEIRA; MORAES, 2007). Esse tipo de pensamento implica em prejuízo social, ambiental e econômico incalculável. Conforme observado por Waldaman (2010, p. 8), “a maioria dos cidadãos não vê os descartes da casa onde mora enquanto assunto sob sua responsabilidade direta. O lixo é um problema do vizinho, dos catadores, dos vereadores [...]”. A responsabilidade social não é estabelecida nem manifestada por meio de uma relação sensível tanto no momento do uso quanto na geração de resíduos.

A ciência desempenha um papel fundamental ao reexaminar os conceitos discutidos em sua literatura. No entanto, é importante destacar que certos aspectos analisados nas produções científicas não contribuem para repensar a lógica do que é o lixo. Ao reforçar as características equivocadas em relação a essa terminologia, contribuiu para a reprodução de uma série de erros e concepções que não condizem com a realidade da sociedade. Quando o lixo é tratado como um adjetivo, reflete-se apenas as consequências de suas transformações, resultado da falta de políticas efetivas de gestão de resíduos sólidos, além de fatores históricos.

De acordo com Pereira Neto (2007, p.13), “[...] A definição de lixo está ultrapassada e não condiz mais com a urgente necessidade de proteção do meio ambiente e de controle do

⁵ O questionário foi distribuído aos 396 moradores da cidade.

desperdício, principalmente por ir de encontro à visão moderna de gerenciamento do lixo”. A ressemantização do conceito, buscando uma abordagem mais positiva, surge como uma possibilidade decorrente da mudança de consciência da sociedade em relação à utilidade do lixo (CAMRO, 2009). Para que essa transformação ocorra, é fundamental promover um diálogo entre a comunidade científica, com o objetivo de reconfigurar a perspectiva do tema e conferir-lhe uma conotação substantiva, ou seja, ir além de considerá-lo apenas como um fim, direcionando-o para um meio. Despojar o lixo de sua condição de ameaça implica resgatar seu potencial de parceiro, em vez de vê-lo apenas como um obstáculo no caminho da humanidade (WALDMAN, 2010).

A natureza do lixo transcende sua mera classificação como recurso, revelando-se como um elemento de poder. Como afirma Wolfart (2012, p.12) “o lixo é poder. Porque o poder não é uma coisa que se toma ou se deixa. É um aspecto das relações sociais em que é necessário repensar mudanças”. Romper com a visão tradicional que trata o lixo meramente como um desfecho é uma abordagem adequada para repensar a gestão dos resíduos sólidos, ao atribuir responsabilidade a todos os envolvidos. Nesse sentido, é essencial promover uma discussão que reexamine a percepção do lixo e altere as perspectivas, incluindo uma análise das causas e origens dos problemas, em vez de focar apenas no resultado final. Pois, dialogar com essa temática é uma questão que envolve o empoderamento popular e a cidadania (WOLFART, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância da pesquisa acerca da concepção de lixo no contexto brasileiro permite uma ampliação dos horizontes. O estudo possibilita um entendimento mais coeso e aprofundado sobre o tema, pois traz consigo uma perspectiva de responsabilidade principalmente no âmbito social e ambiental. Ao analisar as representações do conceito de lixo em diferentes trabalhos científicos e na linguagem popular, constatou-se sua frequente utilização como um adjetivo, servindo apenas para nomear algo. Nesse contexto, a palavra carrega conotações desfavoráveis e pejorativas, o que não permite que os cidadãos se sintam responsáveis pelo que consomem e descartam. Pensar no lixo como um substantivo revela sua verdadeira essência, meio para realizar algo e não apenas fim é essa a ideia que deve ser construída.

É importante compreender que todo lixo é um resíduo e vice-versa. Ao invés de adotar novas terminologias para descaracterizar a conotação negativa carregada na palavra é crucial compreender como a sociedade dialoga e entende sobre o lixo. A alteração do paradigma estrutural dominante requer uma compreensão histórica, uma vez que a concepção do lixo nem sempre foi concebida sob essa perspectiva. Compreender a essência subjacente à palavra é um passo importante para iniciar uma transformação.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, W. L. Lixo: o que é o lixo? Sociedade e Natureza. Uberlândia, v. 6, n. 11, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/60987>.

ALMEIDA, S. Racismo Estrutural. Editora Jandaíra, São Paulo, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMA TÉCNICA. NBR 10004: resíduos sólidos classificação. Rio de Janeiro, 2004.

ASSAD, L. Lixo: uma ressignificação necessária. Ciência e Cultura. São Paulo, v.68, n.4, p. 22-24, 2016. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000400009.

BRASIL, 2010. Lei Federal nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Política Nacional dos Resíduos Sólidos. Brasília, DF, 2010.

BOTELHO, J.M; CRUZ, V.A.G. Metodologia científica. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2013.

BRASIL, 2007. Lei Federal nº 11.445, de 5 de janeiro de 2007. Diretrizes nacionais para o saneamento básico. Brasília, DF, 2007.

BRAGA, A.F. A reciclagem dos resíduos sólidos urbanos: um olhar a partir de três estudos de caso. 2018. Tese (Doutorado em Saúde Global e Sustentabilidade) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Disponível em: em: abr/2020

CRISPIM, M.C.F. Análise da percepção ambiental em relação aos resíduos sólidos domiciliares no sudoeste do Amazonas. 2019. Dissertação. (Mestrado em Ciências Ambientais) – Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente, Universidade Federal do Amazonas, Humaitá, 2019. Disponível

em:https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/7423/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o_MariadoCarvalhoCrispim_PPGCA

CORNIERI, M.G; FRACALANZA, A.P. Desafios do lixo em nossa sociedade. Revista Brasileira de Ciências Ambientais. Rio de Janeiro, n.16, p. 57-64, 2010. Disponível em:http://rbciamb.com.br/index.php/Publicacoes_RBCIAMB/article/view/389

CARMO, S. A semântica do lixo e o desenvolvimento socioeconômico dos catadores de recicláveis: considerações sobre um estudo de caso múltiplo em cooperativas na cidade do Rio de Janeiro. Caderno EBAPE. BR. Fundação Getúlio Vargas, v.7, n.4, p. 592-606, 2009.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-39512009000400005>

CINQUENTTI, H.S. Lixo, resíduos sólidos e reciclagem: uma análise comparativa de recursos didáticos. Educar. Curitiba, n. 23, p. 307-333, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/viewFile/2165/1817>

CONAMA. Resolução nº 005, de 05 de agosto de 1993, do Conselho Nacional do Meio Ambiente. Brasília, DF, 1993.

DIAGNINO, R, S. Um olhar geográfico sobre as questões dos materiais recicláveis em Porto Alegre: sistemas de fluxos e a in (formalidade), da coleta à comercialização. 2004. Monografia (Curso de geografia) Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/21408>.

EIGENHEER, E.M. Lixo, Vanitas e Morte. Niterói: EDUFF, 2003.

PEREIRA, S.S. CURI, R.S. Modelo de gestão integrada dos resíduos sólidos urbanos: a importância dos catadores de materiais recicláveis no processo de gestão ambiental. *In*:

LIRA, W.S; CÂNDIDO, GA., orgs. Gestão sustentável dos recursos naturais: uma abordagem participativa [online]. Campina Grande: EDUEPB, pp. 149-172, 2013. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/bxj5n/pdf/lira-9788578792824-06.pdf>.

PERNAMBUCO. Lixo quem se lixa? O bé-a-bá da Política Nacional de Resíduos Sólidos. Ministério Público de Pernambuco, 1ª edição, 2012.

PREFEITURA DO RECIFE. Saquinhos e canudos de papel: conheça as novidades do 'Praia Limpa' em 2019. G1GLOBO. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/especial-publicitario/prefeitura-do-recife/prai-limpa/noticia/2019/01/10/saquinhos-e-canudos-de-papel-conheca-as-novidades-do-prai-limpa-em-2019.ghtml>.

PEREIRA NETO, J.T. Gerenciamento do lixo urbano: aspectos técnicos e operacionais. Viçosa, MG: Editora FGV, 2007. 129p.

MORETE, L.C. PROCÓPIO, C. Lixo. Origem da Palavra. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/residuo/>.

QUERINO, L.A.L; PEREIRA, J.P.G. Geração de resíduos sólidos: a percepção da população de São Sebastião de Lagoa de Roça, Paraíba. Revista Monografia Ambientais, REMOA. Santa Maria, v.15, n.1, p. 404-415, 2016. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/19452> Acessado em: fev/2020.

REGO, R.C.S. BARRETO, M.L; KILLINGER, C.L. O que é lixo afinal? Como pensam as mulheres residentes na periferia de um grande centro urbano. Caderno de Saúde Pública. Rio de Janeiro, v.18, n.16, p. 1583-1592, 2002. Disponível em <https://www.scielo.org/article/csp/2002.v18n6/1583-1591/>

SOUZA, R. B; FRANÇA, S. A. M. Lixo, conduta humana e a gestão dos insuportáveis. Psicologia e Sociedade, São Paulo, n. 26, p. 47-57, 2014.

SILVEIRA, L.R; MORAES, L.R.S. Redefinindo o conceito de lixo. *In:* Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental, 24, Belo Horizonte, 2009.

STRASSER, S. Waste and want: a social history of trash. Nova York: Owls Books, 2000.

SIQUEIRA, M, M. MORAES, M.S. Saúde coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. *Ciência e Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v.14, n.16, 2009. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232009000600018&script=sci_arttext

VELLOSO, M. P. Da produção do lixo à transformação do resto. *Ciência e Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v.15, n.4.p. 2229-2240, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000400037>. Acessado em: jan/2022.

VELLOSO, M.P. Os restos da história: percepções sobre resíduos. *Ciência e Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v.13, n.6, p. 1953- 1964, 2008.

WALDMAN, M. Lixo: cenários e desafios. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

WOLFART. G. A civilização do lixo. *In.:* Entrevista com Maurício Waldman. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. Rio Grande do Sul, n. 410, 2012.